

RUA BENEDITO CAVALCANTE PINTO

Lei nº 2928 de 05-11-1963

Formada pela rua marginal do Viaduto Miguel  
Vicente Cury

Início na avenida Dr. Moraes Salles

Término na rua Ferreira Penteado

Centro

Obs.: Lei promulgada pelo Prefeito Municipal de  
Campinas Miguel Vicente Cury. Proposta do vereador João Lanaro.

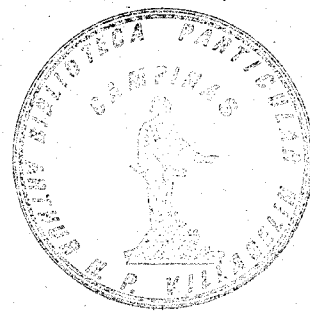
BENEDITO CAVALCANTE PINTO

Benedito Cavalcante Pinto nasceu em Anajás, no Pará, em 07-  
fevereiro-1892 e faleceu em São Paulo, na Casa de Saúde Liberdade,  
onde se achava internado, em 18-maio-1963. Foi casado com Adélia  
Cavalcante Pinto, deixando filhos e netos. Em sua terra natal,  
Cavalcante Pinto enfrentara lides rudes, trabalhando nas matas do  
INFERNO Verde. Sucessivamente, no verbor dos anos, fôrasingueiro,  
lenhador e rremaqdor para o próprio sustento. Em fevereiro de 1914  
chegou a Campinas e com o superficial conhecimento de tipos de im-  
prensa, fez-se tipografo, "puxador de linha", como se denominava  
àqueles tempos. Com quatro jornais diários em Campinas, Cavalcante  
não encontrou dificuldades para trabalhar. Com apenas instrução  
primária, foi fazendo das tipografias e jornais escola, não tar-  
dando muito a aventurar-se na redação do noticiário comum. E seu  
entusiasmo foi tanto, que se lançou, junto com outros tipógrafos, a  
fundar um semanáriocrítico "O Estilhaço", que não teve vida longa.  
A partir de então, sua vida resumiu-se ao componedor e à  
colaboração a jornais e semanários. No "Comércio de Campinas" além  
de tipógrafo era sub-chefe das oficinas e colaborava em suas  
colunas com uma secção diária "Traços Fortes". Em 1918, foi  
convidado para assumir a chefia da redação. Em sua longa carreira  
em nossa imprensa, comandou em memorável jornada política a "Gazeta  
de Campinas" que substituiu o "Comércio" e foi redator-chefe do  
"Correio Popular", onde permaneceu durante anos, escrevendo  
editoriais e crônicas sob o pseudônimo de "Doutor Tesourinha". Em  
24-outubro-1930, no auge da campanha política, já não era o redator  
responsável pela "Gazeta", mas quando a turba ameaçou empastelar o  
jornal, foi Cavalcante que desarmado, enfrentou a população e  
impediu o assalto. Passou também pela redação do "Diário do Povo".  
Campineiro de coração, quando da Revolução de 1932, foi um dos  
primeiros voluntários de Campinas a se apresentar no quartel do 5º  
R.I. Deixou mulher e filhos e foi combater no famoso Tunel e o fez  
com valentia e heroísmo. Foi funcionário do Instituto Agrônomo,  
redigindo e editando a revista "Bragantia" e por onde se aposentou.

RUA BENEDITO CAVALCANTE PINTO

Fls 02

Em várias ocasiões foi diretor e conselheiro da Associação Campineira de Imprensa. Cavalcante marcou sua passagem na imprensa pelo procedimento honesto e competente. Grangeou o respeito e a estima dos profissionais de imprensa e de outras classes, deixando seu nome ligado a várias entidades, inclusive ao Centro de Ciências, Letras e Artes, do qual foi diretor. Cavalcante Pinto foi enterrado na sua querida Campinas e por ocasião do centenário de seu nascimento em 07-fevereiro-1992, foi homenageado em seu túmulo no Cemitério da Saudade por jornalistas, amigos, diretores da Associação Campineira de Imprensa e do Centro de Ciências, Letras e Artes de Campinas.



**LEI N.º 2928, DE 5 DE NOVEMBRO DE 1963.**

**Dá o nome de Benedito Cavalcante Pinto a uma  
rua da cidade.**

**A CÂMARA MUNICIPAL DECRETA E EU, PREFEITO  
DO MUNICÍPIO DE CAMPINAS, PROMULGO A SEGUINTE  
LEI;**

**Artigo 1.º — Fica denominada Benedito Cavalcante Pinto  
a Rua Marginal ao Viaduto Miguel Vicente Cury, que tem ini-  
cio na Avenida Dr. Moraes Sales e término na Rua Ferreira  
Penteado.**

**Artigo 2.º — Esta Lei entrará em vigor na data de sua  
publicação, revogadas as disposições em contrário.**

**Paço Municipal de Campinas, aos 5 de novembro de 1963.**

**MIGUEL VICENTE CURY — PREFEITO MUNICIPAL**

**Publicada no Departamento do Expediente da Prefeitura  
Municipal, em 5 de novembro de 1963.**

**DR. PLÍNIO DO AMARAL**

**Diretor do Departamento do Expediente**

Traços e Perfis

De Meio Século de Imprensa

# Benedito Cavalcante Pinto

— Júlio Mariano —

Em dia incerto de fevereiro de 1914, pobre e simples aportava em Campinas um moço paraense. Crestado pela soalleira do Norte, trazia as mãos calejadas. Embora no verdor dos anos, experimentara como poucos das lides rudes e de uns quantos trambolhões na vida. Vinha de correr ventura lá distante do lendário e mirífico "El Dorado" amazônico, onde trilhara encipoadas picadas de fêras na mata virgem do sombrio "Inferno Verde" e fóra, sucessivamente, seringueiro, lenhador e remador, para o sustento próprio.

Esse moço, de nome Benedito Cavalcante Pinto, em suas andanças pelas selvas povoadas e vilas esparramadas aqui e ali do sertão paraense ou chão amazônico, topara, igualmente, com uns raros caixotins de tipos de imprensa, os quais lhe facilitaram a aprendizagem da profissão gráfica. Assim, ao fixar-se em Campinas, cidade por aquêle tempo relativamente pobre mas orgulhosa de sua tradição, de suas letras e de suas artes, Cavalcante Pinto fez-se tipógrafo, "puxador de linhas". Ora morejava à noite nesta ou naquela oficina de um dos jornais da terra, que somavam quatro diários por aquela época — o "Correio de Campinas", a "Cidade de Campinas", o "Comércio de Campinas" e o então novíssimo "Diário do Povo" —, e vez por outra se engajava a dias numa das muitas oficinas de obras.

A instrução recebida na infância, por Benedito Cavalcante Pinto, fóra tão somente primária. Dotado, porém, de inteligência viva, iria fazendo da tipografia e dos jornais uma escola, uma espécie de universidade para a prática de redação, o que, em aquêles tempos, não era de surpreender. Tipógrafos houve, entre nós, em o primeiro quartel do século, que discutiam regras de gramática com o futuro acadêmico Alberto Faria ou com o velho filólogo Alvaro Muller, lente catedrático no "Culto à Ciência", e alguns dos nossos antigos e festejados homens de letras beberam cultura inicial nos caixotins poeirados das oficinas gráficas.

O moço tipógrafo Cavalcante Pinto não tardou muito a aventurar-se na redação do noticiário comum. Corrigido, certamente, para proveito próprio, em os primeiros escritos, mas também elogiado e estimulado, houve dia em que se atreveu a levar a aventura mais além: fundou, de parceria com outros tipógrafos, um semanário crítico, o qual apelidou "O Estilhaço". Desd'al, as atividades do jovem Cavalcante para o ganha pão de cada dia se dividiram entre o manejar do compoedor, na caixa das oficinas, e os rabiscos da pena colaboradora, em semanários diversos,



porquanto "O Estilhaço" não foi longe.

Até 1920 e tantos, a imprensa campineira, materialmente pobre, mas rica de idealismo, liberal e democrática por excelência, entusiasmada dos temas humanitários e populares, que respingava de nacionalismo e bairrismo, poderia chamar-se imprensa romântica. Um romantismo na verdade heróico, botando fogaréu em todas as lutas políticas. O jornalista, pois, em aquêles anos, havia de ser "de combate", e quem ostentasse publicamente um tal título é porque cavalgara valentemente em meio ao tropel e poeirame das justas de idéias e conquistara foros em plena liça.

Afetivo, no íntimo um sentimental, mas extremamente fofoso, Benedito Cavalcante, tipógrafo, sub-chefe das oficinas de o "Comércio de Campinas", mas igualmente colaborador em suas colunas, com a secção diária "Traços fortes", houve uma noite do ano de 1918 em que o chamaram de junto aos caixotins de tipos móveis, para assumir, na redação, a chefia do jornal! Anoi-teceu tipógrafo, da velha fôlha, e amanheceu redator-chefe!

Longa e atribulada foi a carreira do jornalista Cavalcante Pinto, entre nós. Muitos louros conquistados, mas também inúmeras e amargas desilusões, lhe coroaram a atividade. Conheceu a chefia de uma das fases do velho "Comércio", comandou em memorável jornada política a "Gazeta de Campinas", que substituiu o "Comércio", e foi ainda, por uns tempos, redator-chefe do "Correio Popular". E tudo isso éle o exerceu com extremada de-

dicação, honestidade à toda a prova e senso de justiça.

Radicado em Campinas, onde constituiu lar, esqueceu-se de vez, do berço que o embalou no Norte. Fez-se campineiro de cbração e paulista apaixonado. Quando da revolução de 32, na qual a juventude bandeirante iria derramar seu sangue "para o bem de São Paulo e maior grandeza do Brasil", um dos primeiros voluntários campineiros, dentre os que se apresentaram no quartel do 5.º R. I., foi Benedito Cavalcante Pinto, que disse adeus a mulher e filhos e partiu para o "front" do Tunel! Foi bater-se de verdade, e o fez com valentia e heroísmo, embora o destino lhe houvesse escudado o corpo das metralhas que ceifaram tantas vidas no campo da honra.

Como jornalista, do Cavalcante se assinalou na vida um outro feito não menos heróico: o de tentar, éle só, de peito à véla, sem arma outra que os próprios punhos, fazer frente à multidão desordeira que assalto, para o empastelamento, a redação e oficinas da "Gazeta de Campinas", em 24 de outubro de outubro de 1930. Já não era, na "Gazeta", o redator responsável, mas amava o jornal como partícula do seu "eu"! Teria morrido ali, se mãos amigas não o arrancassem daquele meio, mesmo às brutas.

Romântico e heróico jornalista Benedito Cavalcante Pinto. Derradeiro abencerragem da velha imprensa de nossa "Princesa, D'Oeste", que aí, algures da cidade, esquecido, envelhecido, entrevado, faz jus à estima de nosso povo e reverencia da atual geração de gazeteiros.





### 1953 Benedito Cavalcante Pinto

Falecido em São Paulo, na Casa de Saúde Liberdade, onde se achava internado, foi sepultado ontem, no Cemitério da Saudade, o jornalista Benedito Cavalcante Pinto, antigo militante da imprensa local e aposentado do serviço público estadual. Benedito Cavalcante Pinto iniciou suas atividades na imprensa ainda jovem, na antiga Gazeta de Campinas, onde chegou a ocupar o cargo de redator-chefe. Teve na imprensa de Campinas atuação de destaque. No jornalismo, que exerceu com inteira dignidade e elevação, Benedito Cavalcante Pinto, tendo inclusive militado na redação do Diário do Povo e de outros diários desta cidade, sempre se houve de modo a grangear a estima, o respeito e a consideração dos seus companheiros de trabalho, assim como de todos, profissionais da imprensa ou pertencentes a outras classes, que privaram do seu círculo de relações ou simplesmente de conhecimento nesta cidade. O seu nome, pela conduta exemplar em que pautou sua vida na imprensa como no selo do funcionalismo estadual, foi sempre dos mais respeitados. Traslado o corpo para esta cidade, aqui chegou por volta das 15 horas, passando a ser velado por seus familiares, amigos e antigos companheiros de jornalismo, no necrotério do Cemitério da Saudade. As 17 horas, deu-se o sepultamento. Ao baixar o corpo à sepultura, com grande acompanhamento, fez o elogio fúnebre do extinto o jornalista Júlio Mariano. Reportou-se o orador à atividade do extinto na imprensa, detendo-se, nos principais episódios que marcaram a passagem de Benedito Cavalcante Pinto pela imprensa campineira, que dignificou com sua conduta e trabalho. Referiu-se a conhecido capítulo da história da imprensa de Campinas, que diz respeito a uma época que já vai algo distante, de agitação e turbulência, em que a Gazeta de Campinas, que se encontrava sob a chefia redatorial de Benedito Cavalcante, foi empastelada e seu acervo queimado em praça pública, por desafe-

tos pertencentes à facção política contrária aquela em que se situava a velha Gazeta de Campinas. Foi lembrada por Júlio Mariano a atuação de Benedito Cavalcante Pinto naquele transe, quando, com desprezo da própria vida, enfrentou a massa popular que agitada investia contra o jornal sob sua direção. Disse ainda da atuação do veterano homem de imprensa na revolução constitucionalista. Natural do Pará, Benedito Cavalcante Pinto, que para aqui viera muito jovem, alistou-se nas forças constitucionais e lutou nas frentes de batalha pela causa de São Paulo em 1932. Relembrou assim, Júlio Mariano, no elogio fúnebre de Benedito Cavalcante Pinto, a vida de trabalho e de lutas que o veterano homem de imprensa sustentou, quer como jornalista, quer como cidadão, sendo relevantes os exemplos que deixou, numa como outra situação. Benedito Cavalcante Pinto deixa viúva, Adelia Cavalcante Pinto. Deixa vários filhos e netos.

Feb. 1953-1963

Instituto  
de Economia  
(Redator)

seu...  
exper...  
centrista de es...  
querda, consistente em que os  
socialistas dário seu auxí...  
parlamentar ao gabinete em  
troca do apoio deste a alguns  
dos profetos prediletos dos  
socialistas.  
Tanto, porém, os democra-  
ta-cristãos de Paraná como  
os socialistas perderam terre-  
-os nos eleições gerais dos dias  
de 29 de março último, pas-